



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
PAÍS	-5. OUT. 1979	PODER POPULAR	

M.L. Pintasilgo na ONU:

MUITA PARRA E POUCA UVA...

PRECEDIDA de uma bem orquestrada campanha de propaganda, da qual não esteve alheada a preocupação de promoção pessoal, M. L. Pintasilgo foi à ONU. Parte dos objectivos que estariam na origem da sua deslocação ficaram por concretizar, nomeadamente um convite ao Papa para visitar Portugal, que estaria na sua intenção formular, e contactos também por efectivar, com representantes de países africanos de expressão portuguesa. Da alocução do primeiro-Ministro, de teor terceiro-mundista bem evidente, extraímos alguns excertos que adiante publicamos. A propósito da sua referência ao sacrificado povo de Timor Leste, abandonado pelos governantes deste País quando da «exemplar» descolonização, não constituirá ousadia sugerir a M. L. Pintasilgo, que tão interessada se mostrou pelos timorenses, que visite no Vale do Jamor aqueles que, expulsos da sua terra natal, ali estão vivendo em condições infra-humanas... Eis os excertos que escolhemos do seu longo discurso-tese:

● «Também a um outro povo — o de Timor Leste — este directamente ligado à História do meu País, continua a ser negado

o seu legítimo direito à autode terminação. Apesar de repetidas condenações das Nações Unidas, e não obstante as resoluções aprovadas por esta Assembleia Geral e pelo Conselho de Segurança, nem o povo timorense (até aqui ignorado) tem o seu direito, nem Portugal, como potência administrante, tem possibilidade de por si só inverter a situação injusta ali criada.»

● «A reflexão sobre o sedimento que os anos 70 nos deixaram leva-nos a olhar com esperança a década de 80 que se avizinha. A grande tarefa dessa década é, em nosso entender, a criação de uma nova ordem internacional que transcenda os planos exclusivamente económico e político para se situar também no plano social, cultural e da informação.»

● «Não é menos radical nem menos exigente a mudança de atitude que a nova ordem económica internacional supõe da parte dos países pobres. Havemos de cultivar uma maior capacidade de diálogo sem quebra da firmeza na defesa de posições justas, havemos de enveredar por um são pragmatismo que não fique cercado à partida pelo radicalismo verbal em que se escoia muitas vezes a nossa impotência. Have-

mos sobretudo de redescobrir que uma ordem mais justa não depende somente da tolerância, da compreensão e das «concessões» dos ricos que cada país pobre pretende, à sua maneira ganhar para si, mas da clareza dos nossos projectos, das irreflexíveis convicções que tivermos feito na ordem interna.»

● «Foram-se acumulando nos últimos anos factos e acontecimentos que a Assembleia Geral analisou, resoluções a que deu forma e que adoptou. Põe-se inevitavelmente a questão de saber se o impacto da organização como livre associação de Estados soberanos, instância política última no plano internacional, se produz apenas em termos exponenciais do crescimento das suas palavras, resoluções, convenções, mecanismos institucionais de execução.»

● «A preocupação crescente em todo o sistema e a experiência dos últimos anos tendente a transformar as posições antagónicas em plataformas de concertação, capazes de negociarem pelo diálogo e pelo esclarecimento mútuo veio substituir à tirania do voto a prática cheia de sabedoria do consenso.»

● «Enredados em mercados

cada vez mais amplos, somos invadidos por modelos que nos são alheios, por aspirações que se situam a outras latitudes. A grande empresa é a de emergirmos, em plena afirmação de autonomia de cada povo, da teia de relações cada vez mais complexa e contraditória que o mercado mundial implica, ligando politicamente os Estados uns aos outros.»

● «O reforço dos valores culturais é hoje a linha por onde passa necessariamente toda e qualquer estratégia de verdadeira independência nacional. E isto não apenas na salvaguarda legítima da soberania de cada povo, mas na defesa de uma comunidade mundial mais rica na sua diversidade, mais capaz de enfrentar os problemas com a contribuição própria de cada cultura e de cada povo.»

● «A corrida aos armamentos provoca a guerra hoje. Desde a II Guerra Mundial até hoje tiveram lugar no Mundo mais de 125 guerras, que envolveram directamente mais de 60 países e indirectamente mais de 80. Não podemos deixar de enunciar que tais guerras parciais funcionam como «reguladoras» na perpetuação do sistema que o recurso à violência é a norma dominante.»